



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

JACKYSON CORREA ALVES

**A MELANCOLIA NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS,
EM QUARTO DE DESPEJO**

**SÃO JOÃO DOS PATOS - Ma
2025**

JACKYSON CORREA ALVES

**A MELANCOLIA NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS,
EM QUARTO DE DESPEJO**

Monografia submetida ao curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para conclusão do curso.

Orientador: Prof. Me. Marcos Antônio Fernandes dos Santos.

SÃO JOÃO DOS PATOS – MA
2025

Alves, Jackyson Correia.

A Melancolia na escrita de Carolina Maria de Jesus, em quarto de despejo. / Jackyson Correia Alves. – São João dos Patos, MA, 2025.

25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus São João dos Patos, 2025.

Orientador: Prof. Me. Marcos Antônio Fernandes dos Santos.

1. Quarto de Despejo. 2. Melancolia. 3. Escrita de Resistência. I.Título.

CDU: 616.895.4:831.134.3 (81)

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

831.134.3 (81) Literatura brasileira

616.895.4 Melancolia. Hípostenia. Psicose depressiva

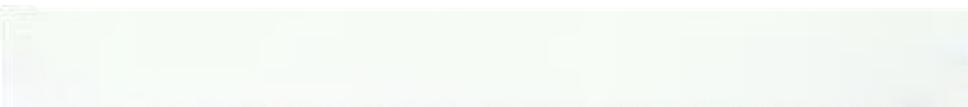
A MELANCOLIA NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS, EM QUARTO DE DESPEJO

Monografia submetida ao curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para conclusão do curso.

Orientador: Prof. Me. Marcos Antônio Fernandes dos Santos.

Aprovada em: 09_de Julho_de 2025.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Marcos Antônio Fernandes dos Santos (Orientador)

(1º membro)

Documento assinado digitalmente



JANAIRA CAROLINE DA SILVA RODRIGUES

Data: 30/07/2025 18:57:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(2º membro)

RESUMO

Este trabalho analisa a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus, a partir da articulação entre melancolia e escrita. A autora transforma a dor da exclusão social em linguagem poética e política, revelando a escrita como espaço de subjetivação e resistência. A relevância desta pesquisa reside na ampliação do debate sobre as formas literárias produzidas por sujeitos historicamente marginalizados e os modos como essas produções desafiam os cânones da literatura tradicional. A fome, a pobreza e a solidão surgem como imagens recorrentes da melancolia, ressignificadas por Carolina Maria de Jesus como crítica social. Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica, utilizando obras teóricas que discutem a melancolia sob as perspectivas psicanalítica, estética e filosófica, além de análises literárias sobre o trabalho da autora. Fundamenta-se em autores como Ginzburg (2012), Kristeva (2012), Benjamin (1985), Bosi (2002), Kehl (2009) e Freud (1976). Dessa forma, o objetivo central da pesquisa é investigar como a melancolia se constrói na escrita de *Quarto de Despejo*, demonstrando que a palavra, na obra, transcende a denúncia e se converte em instrumento de elaboração simbólica da subjetividade.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus; Melancolia; Escrita de Resistência.

ABSTRACT

This study analyzes the work *Quarto de Despejo*, by Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus, based on the articulation between melancholy and writing. The author transforms the pain of social exclusion into poetic and political language, revealing writing as a space of subjectivation and resistance. The relevance of this research lies in expanding the debate on literary forms produced by historically marginalized subjects and the ways in which these productions challenge the canons of traditional literature. Hunger, poverty, and loneliness emerge as recurring images of melancholy, re-signified by Carolina Maria de Jesus as social critique. Methodologically, this study adopts a qualitative approach, based on bibliographic research, using theoretical works that discuss melancholy from psychoanalytic, aesthetic, and philosophical perspectives, as well as literary analyses of the author's work. The research is grounded in authors such as Ginzburg (2012), Kristeva (2012), Benjamin (1985), Bosi (2002), Kehl (2009), and Freud (1976). Therefore, the central objective of this study is to investigate how melancholy is constructed in the writing of *Quarto de Despejo*, demonstrating that the word, in the work, transcends denunciation and becomes an instrument for the symbolic elaboration of subjectivity.

Keywords: Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus. Melancholy. Writing de Resistance.

AGRADECIMENTOS

É com grande alegria e devoção que dedico este espaço acadêmico a todas as pessoas que, de forma significativa, me ofereceram apoio ao longo desta caminhada. Esta conquista não teria sido possível sem o incentivo, a colaboração e o carinho de cada um de vocês. Por isso, faço questão de mencioná-los com profundo afeto, reconhecendo a importância da contribuição de todos para a realização deste sonho.

Hoje, estou aqui para concretizar aquilo que um dia foi apenas um desafio, e que agora se transforma em uma vitória. Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me conceder saúde, sabedoria e forças para chegar até aqui. Obrigado, Senhor, por cada passo desta jornada.

Aos meus pais, Maria Edite e Jacy, minha eterna gratidão pelo apoio incondicional e pela compreensão nos momentos mais difíceis. Vocês são minha maior inspiração. Aos meus irmãos, Jacielma e Jayro, agradeço pela paciência, pela ajuda e por estarem sempre presentes.

Aos meus tios e primos, que me incentivaram com tanto carinho a estudar e seguir em frente, obrigado pela hospitalidade, pelos gestos de afeto e pelo apoio contínuo. As palavras são insuficientes para expressar o quanto vocês são importantes para mim.

Aos colegas e amigos queridos — Ana Katrine, Wanessa Adrielly e Lailson Santos —, meu sincero agradecimento por compartilharem comigo os desafios da universidade. Vocês estiveram ao meu lado quando mais precisei, e sua amizade foi essencial para que eu não desistisse. São pessoas especiais que levarei para sempre comigo.

Ao meu orientador, Prof. Me. Marcos Antônio Fernandes dos Santos, agradeço profundamente por sua orientação atenciosa, sua paciência e sua parceria e disponibilidade durante todo o processo. Suas críticas construtivas fortaleceram minha trajetória acadêmica e contribuíram para o meu amadurecimento. Sua sabedoria, profissionalismo e humanidade foram inspiração para mim, e foi uma honra ser orientado por alguém com tamanha dedicação.

Agradeço também a todos os professores que fizeram parte da minha formação: Abílio Monteiro, Janaira Caroline, Fabiana Costa, Carla Adellany, Ivan Bernardo, Suanny, Fábio Vieira e tantos outros que contribuíram com seus ensinamentos. Suas aulas foram verdadeiras fontes de inspiração, e os conhecimentos que compartilharam comigo seguirão comigo por toda a minha caminhada profissional.

Ao polo da UEMA, minha sincera gratidão por oferecer um ambiente de aprendizado acolhedor e por garantir os recursos, as estruturas e as oportunidades necessárias para minha formação. Aos funcionários do campus de São João dos Patos, agradeço pela dedicação e pelo trabalho, muitas vezes invisível, mas essencial ao bom funcionamento da universidade e ao nosso crescimento como estudantes.

Por fim — e não menos importante —, agradeço a mim mesmo. Pelos dias difíceis, pelas horas dedicadas, pelos sacrifícios e pela persistência. Foram quatro anos de muitos desafios, mas também de superações. A jornada acadêmica exigiu de mim determinação, força de vontade e esforço contínuo. Hoje, reconheço em mim um vitorioso, não pela ausência de dificuldades, mas pela capacidade de enfrentá-las e seguir adiante.

Encerro este capítulo da minha vida com um sentimento profundo de gratidão. Este trabalho não representa apenas um produto acadêmico, mas também o reflexo do apoio que recebi e da esperança que carrego. Desejo que ele possa, de alguma forma, contribuir para a conscientização de nossa sociedade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A ESCRITA COMO ESPAÇO DE SUBJETIVAÇÃO E DENÚNCIA	11
3 A MELANCOLIA COMO ESTÉTICA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA MARGINAL.....	14
4 QUARTO DE DESPEJO: ALGUNS ASPECTOS SOBRE A MELANCOLIA NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS MARIA DE JESUS	19
5 CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

A escrita de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* representa um dos testemunhos mais potentes da literatura marginal brasileira do século XX. Sua obra não apenas relata a realidade brutal da favela, mas a transforma em narrativa, deslocando o sofrimento para um espaço de elaboração simbólica. Ao fazer da exclusão social um exercício estético e político, Carolina Maria de Jesus redefine o papel da autoria negra e periférica na literatura.

Nesse processo, a melancolia se constitui como elemento estruturante da escrita. Longe de ser apenas uma emoção pessoal, ela opera como linguagem crítica e forma de enfrentamento simbólico. Ginzburg (2012) entende a melancolia como possibilidade epistêmica diante da violência estrutural, permitindo à autora denunciar, com densidade poética, a desumanização cotidiana imposta a corpos excluídos.

A escolha do diário como forma literária evidencia um gesto autobiográfico singular. Para Gomes (2004), esse gesto produz um “efeito de verdade”, legitimando a experiência vivida como digna de escuta e análise. A escrita de si, nesse caso, rompe o silêncio e impõe a voz de quem foi historicamente silenciada, abrindo espaço para novas epistemologias do testemunho.

A escrita, portanto, torna-se central. A leitura de *Quarto de Despejo* exige um posicionamento ético do leitor: escrita a autora como quem se aproxima de uma denúncia visceral. Não se trata de compaixão, mas de responsabilização. A escrita que Carolina Maria de Jesus convoca é política, pois tensiona os limites entre o sofrimento íntimo e as estruturas sociais que o produzem.

Sob essa perspectiva, a estética melancólica assume papel de resistência. Kristeva (1989), vê na melancolia uma forma de elaboração simbólica diante da perda, que não paralisa o sujeito, mas o impulsiona à criação. Carolina Maria de Jesus escreve a partir da dor, mas recusa-se ao apagamento. Em sua obra, a palavra tem peso, ritmo e função.

Kehl (2009), colabora essa visão ao afirmar que o sujeito melancólico não abdica da palavra, mesmo quando submerso na angústia. A escrita, nesse caso, é um fio que sustenta a vida e reafirma a dignidade da experiência. A insistência na linguagem se torna, assim, gesto de sobrevivência e insubmissão frente à marginalização.

Foucault (1992), comprehende a escrita de si como um ato de subjetivação e resistência. Em *Quarto de Despejo*, esse ato se revela na construção de uma identidade insurgente, que não se reduz à condição de vítima. Carolina Maria de Jesus assume o controle da narrativa e afirma-se como autora de sua própria história, criando um espaço simbólico de existência.

Com base nisso, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a construção da melancolia na escrita de Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus. Entre os objetivos específicos, destacam-se: analisar a narrativa autobiográfica como ferramenta de resistência; identificar o uso estético da melancolia como crítica social; e compreender o gesto de escrita como elaboração simbólica do trauma vivido.

A relevância deste estudo reside na valorização da produção literária de sujeitos historicamente marginalizados. Carolina Maria de Jesus rompe com a hegemonia branca e letrada ao inscrever, por meio da escrita, uma voz negra, feminina e periférica. Sua obra exige ser lida como escuta radical: um chamado ético e político à transformação social.

2 A ESCRITA COMO ESPAÇO DE SUBJETIVAÇÃO E DENÚNCIA

A escrita de Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus em *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* configura-se como prática de subjetivação que transcende o relato íntimo para instaurar um discurso politicamente potente.

Em forma de diário, sua narrativa revela mais do que o cotidiano de uma mulher negra, pobre e favelada: expressa uma experiência de mundo atravessada pela marginalização, fome e violência simbólica. Nesse gesto de escrita, Carolina Maria de Jesus afirma-se como sujeito histórico e político, demonstrando que escrever é também reivindicar dignidade e existência diante da exclusão.

Quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. Sinto-me descartada pela sociedade, uma peça que já não serve para mais nada. A cada dia, essa sensação de inutilidade torna-se mais presente, consumindo minhas forças e minha esperança. E é assim que a tristeza vai se enraizando em mim, transformando minha existência em um fardo insuportável. (Jesus, 2020, p.37).

A metáfora do “quarto de despejo” condensa a condição subjetiva da autora, cuja existência é socialmente tratada como descartável. Nessa perspectiva, a melancolia emerge não como enfermidade individual, mas como afetação estrutural, resultante da exclusão social. Kristeva (1989), entende que a escrita melancólica advém da perda do objeto amado, neste caso, a dignidade humana, convertendo a dor em matéria estética e política.

A subjetividade construída por Carolina Maria de Jesus entrelaça-se à vivência coletiva da favela. Ao registrar os detalhes da vida marginalizada, sua escrita não se limita ao testemunho individual, mas torna-se instrumento de denúncia social. Nesse ponto, o diário se configura como gesto ético e político. Gomes (2004), destaca que a escrita biográfica reivindica a experiência vivida como narrativa legítima, produzindo o que denomina “efeito de verdade”.

A autora, portanto, transforma sua dor em linguagem pública e coletiva. Além de se afirmar enquanto sujeito político, Carolina Maria de Jesus reivindica um lugar de fala no espaço literário. Klinger (2012) argumenta que a autoria se expande para além do texto, sendo performada nas aparições públicas, entrevistas e posicionamentos da autora, configurando-se como uma autoria insurgente e ampliada.

Mesmo com baixa escolaridade formal, Carolina Maria de Jesus desafia os critérios tradicionais da legitimidade literária. Sua frase “mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo” (Jesus, 2020), expressa uma determinação que transgrede normas linguísticas e sociais, reafirmando seu direito à palavra e à autoria.

Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo. Aqueles que conhecem a dor e a fome, que sentem na pele o que é ser invisível e descartável. São esses que carregam a verdadeira poesia, nascida da miséria e da luta cotidiana. E é dessa dor que brota minha escrita, uma tentativa de mostrar ao mundo o que os olhos se recusam a ver. Meu diário é um retrato fiel da realidade que me cerca. Escrevo para que não esqueçam que existimos e sofremos.” (Jesus, 2020, p. 16)

Neste trecho, Carolina Maria de Jesus se autoidentifica como poeta do lixo, conferindo à sua posição marginal um valor estético e ético. Como aponta Ginzburg (2012), a melancolia, nas artes, pode ser entendida como recurso reflexivo e subversivo: o sujeito melancólico observa o mundo com distância crítica, revelando fissuras sociais muitas vezes ignoradas.

A articulação entre melancolia e denúncia manifesta-se especialmente na forma como Carolina Maria de Jesus representa a invisibilidade social. A dor de ser tratada como sujeira transforma-se em matéria discursiva. Kristeva (1989) observa que o sujeito melancólico experimenta a dissolução identitária pela perda do objeto amado. No caso de Carolina Maria de Jesus, a perda constante de direitos, dignidade e afeto social motiva a escrita como recomposição simbólica.

A obra da autora também propõe uma leitura interseccional de raça, gênero e classe. Para Evaristo (2009), a literatura negra feminina parte da experiência para construir uma poética de resistência. Carolina Maria de Jesus reconstrói sua identidade como mulher, mãe solteira, catadora e escritora a partir da dor, mas também da força de persistir, registrando no papel aquilo que lhe negaram socialmente.

A escrita, assim, torna-se espaço de resgate existencial e de crítica histórica. Benjamin (apud Ginzburg, 2001), argumenta que a melancolia, longe de ser paralisante, é potência reflexiva e criadora. Carolina Maria de Jesus transfigura sua exclusão em testemunho profundo e denúncia do Brasil negligenciado, registrando a favela como lugar de memória.

Mesmo que sua obra tenha sido inicialmente recebida com certo exotismo pela crítica, sua força poética e política rompe com o preconceito de classe e raça. Costa (2019) enfatiza que, mesmo sem atender aos padrões cultos da linguagem literária, Carolina Maria de Jesus representa vozes marginalizadas com intensidade e legitimidade.

A escrita da autora, por fim, configura-se como território de subjetivação, denúncia e resistência. Sua melancolia não é resignada, mas reveladora: ela expõe a morte simbólica dos sujeitos invisibilizados. Narrar, nesse contexto, é também existir — e, acima de tudo, persistir. A obra de Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus é, assim, um testemunho de vida e uma prática de insurgência ética e estética.

3 A MELANCOLIA COMO ESTÉTICA E RESISTÊNCIA NA LITERATURA MARGINAL

A melancolia, mais do que um estado psicológico, constitui-se enquanto categoria estética e epistêmica na escrita de Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus. Em *Quarto de Despejo*, o sofrimento não é apenas um registro emocional, mas um elemento estruturante da linguagem e da forma narrativa.

A autora dá corpo ao vazio existencial de sua condição por meio da escrita, realizando o que Freud (1976), define como deslocamento da libido ao ego: a transformação da perda em palavra. Freud pontua que: “Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar (Freud, 1976, p. 249)”.

Características perceptíveis nas passagens em que Carolina Maria de Jesus descreve a própria solidão e esvaziamento de sentido da vida. A estética melancólica da obra manifesta-se pela recorrência da fome, da miséria e da desesperança, mas também pela lucidez com que a autora observa sua realidade.

Este enunciado expressa o empobrecimento do eu que Freud (1976), associa à melancolia, não como simples tristeza, mas como uma forma de perda que atravessa a subjetividade de forma estrutural. Diante disso, Jesus (2020, p. 57), destaca que: “Hoje amanheci triste. A tristeza é o meu estado normal. Quando estou alegre, estou fora de mim. A alegria não me pertence.”

Esse trecho explicita a internalização da dor como parte constitutiva da subjetividade da autora. A tristeza, aqui, não é episódica, ela se impõe como condição existencial, revelando uma identidade marcada pela exclusão e pela experiência constante de perda.

A fome, mais do que ausência de alimento, é ausência de dignidade, de reconhecimento, por isso adquire tonalidade melancólica. Kristeva (1989), ao refletir sobre a melancolia em *Sol Negro*, afirma que a arte é o único “continente” possível para a “Coisa” melancólica, ou seja, para aquilo que escapa à simbolização.

A escrita de Carolina Maria de Jesus é uma tentativa de domar esse indizível por meio de signos literários. Em um de seus registros mais contundentes, a autora escreve: “Hoje não comi nada. Amanhã também não comerei, porque não tenho o que comer” (Jesus, 2014, p. 47). A linguagem direta e crua torna palpável uma dor que, por vezes, escapa à nomeação, mas encontra na escrita um espaço de elaboração e denúncia.

Kristeva diz que: “Por melodias, ritmos, polivalências semânticas, a forma dita poética [...] parece assegurar um domínio incerto, mas adequado, sobre a Coisa” (Kristeva, 1989, p. 20). Em *Quarto de Despejo*, essa “forma poética” é a crueza da linguagem do cotidiano, que se torna testemunho da exclusão e resistência simbólica à sua invisibilidade.

Conforme Benjamin (1985), por sua vez, entende a melancolia como o traço de uma modernidade marcada pelo desencanto e pela perda de sentido social. A figura do melancólico, para ele, é a do intelectual ou artista que observa a falência das promessas de progresso e humanidade.

Para Ginzburg (2012), interpretando Benjamin (1985), afirma que a melancolia “é uma forma de interpretar a história a partir da dor dos vencidos” (Ginzburg, 2012, p. 225). Carolina Maria de Jesus, nesse contexto, atua como cronista dos vencidos: sua obra registra os que não aparecem na história oficial, os excluídos das políticas públicas e das narrativas dominantes.

De acordo com Kehl (2009), entende a melancolia como uma forma simbólica de resistência, diferenciando-a da depressão por seu caráter discursivo e político. Para a autora, o melancólico é aquele que não encontra sentido em sua existência, percebe suas ações como inúteis e sente-se deslocado, sem um lugar no mundo.

A melancolia, em *Quarto de Despejo*, articula-se à escrita como estratégia de enfrentamento do trauma social da exclusão. Cada página do diário reconfigura o abandono vivido em forma de linguagem, dando-lhe forma e força.

Como aponta Goulart (2012), a literatura se enquadraria no rol de mecanismos com que o ser humano encontra respostas para as ausências e angustias. A palavra escrita por Carolina Maria de Jesus ocupa o vazio deixado pela omissão do Estado, pela miséria imposta e pela violência da fome.

Portanto, ao ser compreendida não como doença, mas como estética crítica, a melancolia se revela elemento central para a compreensão da obra de Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus. Sua escrita se estrutura pela dor, mas não é derrotada por ela. Ao contrário, transforma-a em potência política, artística e existencial.

É na tensão entre ausência e linguagem que emerge a poética melancólica de *Quarto de Despejo*, profundamente singular e universal. A obra está permeada por imagens que, juntas, constroem um campo semântico da melancolia. Elementos como a fome, a pobreza extrema e a solidão são descritas de forma visceral e cotidiana, conferindo ao texto uma densidade simbólica que transcende o relato autobiográfico.

A fome, sobretudo, assume papel central na narrativa, a ponto de ser personificada por uma cor — uma imagem sensorial e sinestésica do desamparo absoluto. “Ontem não comemos. Hoje é dia 1º de maio. Os barracos estão em festa. Nós estamos em luto. A miséria está tão presente em minha vida que já começo a considerá-la um ser. Um ente vivo que anda comigo” (Jesus, 2020, p. 34).

Esse excerto revela como a autora transforma a carência em entidade sensível, reforçando a potência simbólica da fome como personagem e metáfora de uma existência marcada pela privação e pelo esquecimento social. A “Amarela” representa o estágio crítico da privação, momento em que todos os objetos do mundo parecem desbotar.

A fome não é somente ausência física de alimento, mas a interrupção do sentido de realidade, a alienação sensorial e existencial. Tal experiência ressoa na concepção de melancolia como perda do objeto vital, conforme Freud (1976), comprehende: a perda de algo que não se sabe nomear, mas cuja ausência funda o sofrimento.

A pobreza, por sua vez, não aparece como dado abstrato, mas como condição de existência que afeta profundamente a dignidade humana. Tal metáfora reforça a ideia de descarte social, de uma vida que se torna indesejada e invisível. Essa figura de linguagem ecoa a concepção de Benjamin (1985), para quem a modernidade transforma sujeitos em ruínas humanas, esquecidos pelo progresso.

A solidão, outro eixo da melancolia em Carolina Maria de Jesus, não se limita à ausência de companhia, mas à impossibilidade de pertencimento. A autora registra o abandono institucional e comunitário com a mesma força lírica com que descreve os sentimentos que esse abandono provoca. A ausência de solidariedade, como ela própria reconhece, é uma das características mais cruéis da vida na favela.

A crítica de Ginzburg (2012), aprofunda essa visão ao apontar que a melancolia na literatura marginal pode ser interpretada como resposta estética à violência estrutural. Ginzburg (2012), argumenta que a literatura de denúncia é marcada pela dor dos vencidos, os quais ressignificam seu sofrimento por meio de uma estética trágica e reflexiva.

Nesse sentido, a escrita de Carolina Maria de Jesus, ao atribuir cor à fome e transformar a miséria em narrativa, revela-se como um espaço de elaboração simbólica do trauma coletivo. De modo semelhante, a dissertação de Pinheiro (2013), contribui para esse debate ao compreender a melancolia como uma categoria estética inserida na resistência literária, entendendo a arte como algo que emerge de lacunas deixadas pelo trauma, impossíveis de serem preenchidas.

A escrita de Carolina Maria de Jesus opera nesse vazio, denunciando e, ao mesmo tempo, criando um novo território de existência simbólica para aqueles que são cotidianamente apagados. Por fim, é necessário destacar que essas figuras melancólicas — fome, pobreza e solidão — não paralisam a narrativa de *Quarto de Despejo*.

Pelo contrário, são motores de sua força literária e política. Carolina Maria de Jesus transforma o sofrimento em linguagem, o apagamento em visibilidade, e a dor em resistência poética. É nessa encruzilhada entre o real brutal e a palavra lírica que reside a potência de sua obra.

A escrita de Carolina Maria de Jesus constitui um ato de resistência diante de um mundo que constantemente tenta calar vozes como a sua. Em vez de silenciar diante da exclusão e da dor, a autora transforma a palavra em ferramenta de denúncia e transformação. A melancolia, presente em sua obra, não é paralisante: ela mobiliza, impulsiona, constrói. Essa escolha não é neutra: revela o potencial político de uma subjetividade que se recusa ao desaparecimento simbólico.

A melancolia em Carolina Maria de Jesus se converte em gesto estético e político. Kehl (2009), propõe que o sujeito melancólico pode criar formas artísticas a partir de sua dor, operando uma espécie de sublimação crítica daquilo que o adoece. Em suas palavras, “é o sofrimento decorrente da perda de um lugar no Outro social que baliza a produção do sujeito melancólico moderno” (Kehl, 2009, p. 49).

Carolina Maria de Jesus, ao escrever sobre sua condição de mulher negra, favelada e mãe, mobiliza esse sofrimento em uma crítica contundente às estruturas de poder. Essa leitura encontra ressonância em Benjamin (1985), que observa na melancolia moderna um modo de posicionamento diante das ruínas sociais e históricas.

Para Benjamin (1985), o sujeito melancólico é aquele que carrega consigo a memória dos vencidos e, a partir dela, elabora uma nova narrativa do mundo, assim, a experiência de Carolina Maria de Jesus pode ser lida nessa chave: sua escrita é um acervo de perdas transformadas em memória e denúncia. Isso ilustra a consciência crítica da autora sobre o lugar que lhe é socialmente atribuído.

A crítica literária contemporânea reconhece na obra de Carolina Maria de Jesus um exemplo de como a palavra se faz resistência. Ginzburg (2012), defende que “a melancolia pode se tornar uma estratégia de leitura crítica da violência e da desigualdade social” (Ginzburg, 2017, p. 229).

Esse conceito é útil para compreender *Quarto de Despejo* não apenas como relato de dor, mas como uma intervenção política no tecido social. A autora faz da experiência vivida o centro de uma poética da indignação. A resistência, na escrita de Carolina Maria de Jesus, também se manifesta como gesto de afirmação identitária.

Essa frase carrega em si a recusa à marginalização cultural. É a reafirmação de que a escrita não é monopólio da elite letrada, mas um direito de expressão que também pertence àqueles que vivem à margem.

Bosi (2002), contribui para essa discussão ao afirmar que a resistência, na arte, pode ser entendida como um processo imanente à forma literária. Para ele, “a forma deve acompanhar a vontade de resistência” (Bosi, 2002, p. 120). Em *Quarto de Despejo* ilustra essa ideia ao apresentar uma estrutura que rompe com os cânones da literatura tradicional:

A linguagem simples, os erros gramaticais e o uso do diário como gênero são formas de quebrar o silêncio imposto às classes subalternizadas. Outro aspecto fundamental da resistência em Carolina Maria de Jesus é a performance pública de sua escrita. Segundo Klinger (2012), o autor contemporâneo é um sujeito performático, cuja atuação extrapola o texto e se dá também na vida pública.

Carolina Maria de Jesus foi, de fato, uma figura que incomodava por sua ousadia em se fazer ouvir. Sua escrita e sua presença, mesmo rejeitadas por setores da sociedade, forçaram o reconhecimento de um Brasil profundo e doloroso. A luta por existir através da escrita se intensifica quando Carolina Maria de Jesus relata os abusos sofridos na favela.

Esse relato é mais que um desabafo é a materialização simbólica da violência estrutural sofrida por mulheres negras e pobres, e sua decisão de registrá-lo é, por si só, um gesto político. Portanto, a melancolia em Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus é, paradoxalmente, força criadora.

4 QUARTO DE DESPEJO: ALGUNS ASPECTOS SOBRE A MELANCOLIA NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS MARIA DE JESUS

A obra escrita por Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus, constitui um marco na literatura brasileira ao revelar, com crueza e lirismo, as agruras da vida na favela do Canindé, em São Paulo, nos anos 1950.

Muito além de um simples testemunho da miséria urbana, sua escrita se apresenta como um gesto de elaboração subjetiva e política, construindo uma narrativa. Nesse sentido, compreender como Carolina Maria de Jesus transforma a dor em linguagem exige uma abordagem crítica que considere a articulação entre melancolia e escrita como eixos centrais de sua poética e de sua resistência.

Ao longo desta análise, pretende-se demonstrar que a obra de Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus não se limita ao campo do testemunho documental, mas inscreve-se como uma potente forma de resistência discursiva, onde a melancolia é ressignificada como forma de recriar sentidos, denunciar estruturas de opressão e afirmar a existência por meio da linguagem.

Na obra, Carolina Maria de Jesus converte sua experiência de exclusão social em uma estética marcada por imagens que carregam o peso do sofrimento, da ausência e da negação da dignidade, assim:

A fome me faz ver o mundo distorcido, tudo ao meu redor perde o brilho, perde a cor. O amarelo não é só uma cor, mas um símbolo da miséria que me acompanha. Quando como, é como se eu voltasse a enxergar a realidade, como se a vida voltasse a ter forma e sentido. Essa transição da escuridão para a luz só ocorre com o alimento, e enquanto isso, a Amarela domina meus olhos e minha mente (Jesus, 2020, p. 45).

Segundo Kristeva (1989), a melancolia se manifesta como uma experiência de perda do objeto impossível de nomear. O sujeito melancólico, privado de algo fundamental — o amor, a identidade, o pertencimento —, transforma esse vazio em discurso.

No caso de Carolina Maria de Jesus, a fome torna-se metáfora dessa perda: não apenas do alimento, mas do próprio lugar no mundo. A cor amarela, que inunda sua visão, não é só sinal físico da desnutrição, mas imagem de um mundo desprovido de sentido, contaminado pela dor, onde tudo perde seu brilho original, assim, Kristeva (1989, p. 20) aponta que:

A estética melancólica presente em *Quarto de Despejo* também atua como estratégia narrativa para representar o trauma social de maneira indireta e poética. A forma poética parece assegurar um domínio incerto, mas adequado, sobre a Coisa melancólica” como afirma (Kristeva 1989, p. 20).

Carolina Maria de Jesus realiza esse domínio por meio de imagens sensoriais: a fome é a amarela, o lixo é o lugar de subsistência, e o céu quando observado com estômago vazio deixa de ser celeste para se tornar o reflexo do abandono.

É pela metáfora que a autora comunica à dor que não pode ser dita literalmente. Essa operação estética também é analisada por Ginzburg (2012), ao discutir a melancolia como lente crítica. Para ele, o discurso melancólico, quando presente em obras literárias, permite que a dor dos excluídos ganhe visibilidade simbólica, mesmo quando não encontra representação direta na esfera política ou midiática.

A autora, ao nomear e estilizar sua fome realiza um gesto de insurgência silenciosa, conferindo à sua escrita um caráter reflexivo e profundamente político. “A melancolia pode se tornar uma estratégia de leitura crítica da violência e da desigualdade social, afirma (Ginzburg 2012, p. 229).

A fome, na obra, aparece como figura insistente da ausência, mas também como catalisadora de linguagem. Carolina Maria de Jesus escreve porque tem fome e escreve sobre a fome como uma realidade contínua. Seu texto está saturado de corpos famintos, de mães desesperadas, de crianças chorando por pão.

Essa constância te matiza a fome como uma experiência estruturante da subjetividade periférica e feminina. A linguagem usada por Carolina Maria de Jesus, ainda que simples, é carregada de imagens que condensam o sofrimento em forma simbólica, um recurso estético profundamente melancólico.

Além disso, ao narrar a fome, Carolina Maria de Jesus cria um espaço de escuta que a sociedade historicamente negou. Como observa Kristeva (1989), a escrita melancólica é um gesto paradoxal: ao mesmo tempo, em que expressa a dor da perda, ela reconstrói o sujeito que escreve. Ao tornar visível sua experiência extrema, a autora não apenas sobrevive, mas se impõe.

O uso da metáfora “a amarela” exemplifica esse processo: é com criatividade e sensibilidade estética que ela transforma uma vivência degradante em arte, em resistência simbólica. A melancolia em *Quarto de Despejo* não opera como parálisia, mas como dispositivo estético e ético.

Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus, ao transformar fome em cor e dor em palavra, elabora uma linguagem própria da exclusão — uma escrita que não só denuncia, mas ressignifica o sofrimento. Sua obra é, assim, expressão máxima de uma melancolia que não se cala, mas grita poeticamente, revelando a potência crítica e criadora de quem transforma o abandono em voz.

A escrita de Carolina Maria de Jesus configura-se como um gesto radical de transformação do sofrimento em linguagem e da linguagem em denúncia. Em um cenário de extrema pobreza, fome e abandono, escrever não é apenas um ato de expressão, mas de insurgência.

A frase “Quando eu não tinha o que comer, em vez de xingar, eu escrevia” revela que o ato de escrever substitui a impotência do grito pela potência da palavra. Essa escolha não é apenas estética, mas ética e política, pois a autora decide intervir simbolicamente na realidade que a marginaliza, assim:

Eu poderia ter me revoltado, gritado, mas preferi escrever. Cada palavra escrita era um ato de coragem, uma forma de enfrentar o silêncio imposto pela miséria. A escrita me dava voz, me fazia existir para além da dor. Era minha maneira de resistir e de dizer que, mesmo na exclusão, eu tinha algo a dizer. Escrever era minha rebeldia, minha luta (Jesus, 2020, p. 8).

O trecho revela como a escrita se torna um gesto de resistência diante da miséria. Ao escolher a palavra como forma de enfrentamento, Carolina Maria de Jesus afirmar sua existência em meio ao silêncio imposto pela exclusão. Sua escrita é ato político e subjetivo, que rompe com a invisibilidade social. É por meio dela que a autora ressignifica a dor. Escrever, portanto, é sua forma de não sucumbir.

Benjamin (1985), ao refletir sobre o papel do melancólico moderno, identifica no artista que escreve a partir da ruína um cronista da destruição. Para ele, o melancólico é aquele que, ao perceber a falência das promessas da modernidade, narra a história a partir da dor dos vencidos.

Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus assume o lugar de cronista da favela, narrando os fragmentos da vida urbana negada pela cidade oficial. Sua escrita não tenta embelezar a miséria, mas revelá-la como estrutura social violenta que exclui sistematicamente os pobres. A resistência de Carolina Maria de Jesus passa pela decisão de registrar o que o poder dominante tenta apagar.

Sua narrativa evidencia aquilo que se esconde por trás dos muros da cidade moderna: o lixo, a fome, a precariedade. (Benjamin, 1985), afirma que o historiador verdadeiro é aquele que tem consciência de que mesmo os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer.

Em *Quarto de Despejo*, a palavra escrita se transforma em testemunho que preserva a memória dos esquecidos, dos anônimos, das mulheres e crianças da favela. Bosi (2002), por sua vez, entende que:

A literatura como forma de resistência cultural e ética. Para o autor, a escrita que nasce da dor, quando elaborada criticamente, se torna uma forma de confrontar as estruturas de dominação. Em suas palavras, “a literatura da resistência é aquela que pensa a história a contrapelo (Bosi, 2002, p. 119).

Carolina Maria de Jesus, ao registrar sua fome e sua indignação, subverte a lógica da submissão e da invisibilidade imposta aos marginalizados. Ela não apenas narra o cotidiano da favela, mas o reinterpreta por meio de uma linguagem própria, não institucionalizada. A dimensão estética da resistência em Carolina Maria de Jesus também se expressa na escolha do gênero diário.

Ao optar por registrar seus dias em um caderno, a autora transforma o íntimo em público, o doméstico em político. Cada entrada no diário é um ato de presença no mundo, mesmo que esse mundo tente constantemente excluí-la. A rotina da miséria, a repetição da fome e o abandono dos serviços públicos são tratados com objetividade, mas carregados de uma emoção contida que se aproxima da poética da dor.

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. Só quem conhece a miséria entende o valor da comida, da dignidade. Eu vejo os políticos falando, prometendo, mas eles não sabem o que é sentir fome, o que é ver um filho chorando por comida. Escrevo para mostrar essa realidade, para que ninguém mais feche os olhos para a dor do povo (Jesus, 2020, p. 35).

De acordo com Jesus (2020), essa frase, de forte cunho político, mostra que sua escrita é também um projeto de nação, um país onde os pobres possam ter voz e vez. Ao propor essa inversão de papéis, Carolina Maria de Jesus desloca o lugar do saber e da autoridade, afirmando que o conhecimento da miséria é tão legítimo quanto o conhecimento acadêmico ou técnico.

O uso da linguagem simples, direta e muitas vezes coloquial em *Quarto de Despejo* é outro ponto que reforça seu caráter de resistência. Ao não seguir os moldes formais da literatura, Carolina Maria de Jesus cria uma estética própria, uma literatura da escassez, da urgência, do cotidiano.

Benjamin (1985), também destaca a importância do narrador como aquele que detém uma experiência a ser compartilhada. Carolina Maria de Jesus se apropria dessa posição ao construir, com sua narrativa, um saber coletivo da favela.

Seus relatos não são apenas pessoais, mas partilháveis: falam de uma comunidade, de um povo, de um Brasil invisibilizado. A escrita torna-se, assim, ferramenta de coletivização da dor, transformando o sofrimento individual em documento social.

5 CONCLUSÃO

A análise da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus Maria de Jesus, evidencia como a escrita pode emergir como um gesto potente de elaboração subjetiva e enfrentamento simbólico frente à exclusão social. Longe de ser apenas um registro fatual da miséria na favela, o diário de Carolina Maria de Jesus configura-se como espaço de construção de si, onde a autora, por meio da linguagem, rearticula sua identidade e afirma sua existência diante de um mundo que a tenta apagar.

A escrita torna-se, assim, uma forma de subjetivação melancólica, em que a dor não paralisa, mas convoca a ação discursiva. A presença da melancolia na obra não se restringe ao sofrimento pessoal ou emocional, mas adquire forma estética e epistêmica. Carolina Maria de Jesus transforma sua vivência de fome, abandono e solidão em imagens simbólicas densas, como a “amarela”, que metaforiza a fome como ausência absoluta.

Tal construção revela como a melancolia pode ser apropriada artisticamente como linguagem da exclusão — uma linguagem que comunica aquilo que as estruturas sociais silenciam. A tristeza, nesse contexto, torna-se crítica, e a dor, linguagem.

Nesse processo, a palavra adquire função política. A autora utiliza sua escrita não apenas para narrar sua condição, mas para denunciá-la. A frase “Quando eu não tinha o que comer, em vez de xingar, eu escrevia” condensa esse gesto de resistência: a opção pela palavra como arma estética diante da barbárie cotidiana.

No campo da resistência, conforme apontam teóricos como Benjamin (1985) e Bosi (2002), revelando a possibilidade de criação e denúncia mesmo a partir das ruínas sociais. Além disso, ao escrever em forma de diário, com linguagem acessível e desprovida de filtros formais, Carolina Maria de Jesus se coloca como autora de sua própria narrativa e da realidade que vive.

Sua obra rompe com os padrões hegemônicos de autoria, incorporando o lugar da mulher negra, favelada e mãe como legítima voz da literatura brasileira. A escrita melancólica, nesse caso, não é sinal de rendição, mas de insurgência: é o modo que Carolina Maria de Jesus encontra de existir e resistir no papel — e, por consequência, no mundo.

Dessa forma, *Quarto de Despejo* transcende o testemunho autobiográfico para se tornar uma obra literária de relevância estética, política e histórica. Através da dor, Carolina Maria de Jesus cria arte; através da exclusão, ela comunica. Sua escrita é melancólica porque parte da falta, mas é também transformadora porque dá forma à ausência.

Ao reconfigurar sua dor em narrativa, a autora não apenas se inscreve na história da literatura, mas reposiciona a própria literatura como campo de luta, expressão e resistência. A escrita melancólica de Quarto de Despejo não apenas revela a dor de existir à margem, como também inaugura um novo horizonte de leitura para as produções literárias de sujeitos historicamente silenciados.

Ao transformar o sofrimento em estética, Carolina Maria de Jesus reposiciona o lugar da mulher negra na literatura brasileira, demonstrando que a experiência periférica é também um espaço legítimo de enunciação poética e política. Nesse sentido, este trabalho contribui para o fortalecimento de uma crítica literária comprometida com as vozes dissidentes, oferecendo uma chave interpretativa que associa melancolia, resistência e linguagem.

Para pesquisas futuras, este estudo se apresenta como ponto de partida para investigações interdisciplinares que articulem literatura, psicanálise, estética e estudos decoloniais, aprofundando o entendimento sobre os modos de produção simbólica de sujeitos subalternizados. Além disso, reafirma a urgência de revisitar os cânones literários à luz de obras que emergem da dor social, não como lamentação, mas como potências de reescrita do mundo.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COSTA, Daysene de Araújo. **Apropriação da informação, empoderamento e protagonismo social**: uma análise da obra Quarto de Despejo. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2019.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- FOUCAULT, M. **A escrita de si**. In: _____. O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992. p. 129–160.
- FREUD, S. Luto. **Melancolia**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. v. 14. 1976.
- GINZBURG, J. **Literatura, violência e melancolia**. São Paulo: Edusp, 2017.
- GOMES, A. de C. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GOULART, A. T. **Tópicos de Literatura Portuguesa**: o concurso dos sujeitos no nascimento e no desenvolvimento da literatura portuguesa. Belo Horizonte: PUC- MG, 2012.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020
- KEHL, M. R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KLINGER, D. I. **Escritas de si, escrita do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- Kristeva, Julia. **Sol negro**: depressão e melancolia. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- PINHEIRO, V. V. **Melancolia e Resistência em Milton Hatoum**. 2013. Dissertação (Mestrado). Curso de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2014.